

Um raro editorial, mas necessário

Silvia Waisse

Em 2008 aceitei a honra de contribuir como Editora Executiva de *Revista de Homeopatia*: uma das mais antigas dentre as revistas especializadas na área, no mundo todo, e uma decana no Brasil – apenas como exemplo, é quase 20 anos mais velhinha que a *Revista da Associação Médica Brasileira*!

Nestes 12 anos, não lembro ter publicado qualquer editorial. Tem, sim, um que compusemos no fascículo 3/4 de 2009, quando com um grupo de colegas entusiasmados, explicamos a missão e a política editorial da nova fase da Revista, no momento em que passou a ser publicada na íntegra online, com acesso aberto. Na época afirmamos a nossa imensa satisfação ao assumir o projeto de “superar as metas de melhorar, inovar, fomentar discussões e fóruns, aprimorar o padrão científico, incentivar a pesquisa e possibilitar o contato entre os homeopatas”. Depois disso, senti que não tinha nada a acrescentar! E o trabalho destes 12 anos demonstra que foram cumpridos os objetivos propostos.

Certamente, não sem algum mal estar inicial, a comunidade homeopática foi se acostumando ao novo perfil rigorosamente científico da *Revista*. Como um serviço adicional, exclusivamente originado no nosso profundo desejo de contribuir ao desenvolvimento da nossa área, a equipe da Revista assistiu todos aqueles interessados em partilhar a sua experiência e transformá-la num texto científico. Orgulho-me em dizer que ninguém jamais recebeu um “não”, quando o trabalho teve mérito científico, mas apenas problemas no formato e na apresentação. E todos os trabalhos foram rigorosamente revisados por pares, do generoso Corpo de Consultores, constituído exclusivamente por profissionais com pós-graduação *stricto sensu*, além de prestigiosos colegas estrangeiros que se prontificaram a colaborar .

A missão e a política da Revista se refletem nos resultados. O veículo se tornou transparente e o que eu tivesse para dizer, o fiz através do meu trabalho. É prática habitual – se não exigência – que os editores de revistas científicas abram cada fascículo com um texto próprio. Tem quem aproveite esta situação como palco para publicitar as suas ideias, sem passar pelo crivo da opinião prévia de colegas, como precisam todos os demais autores. Não sou quem para criticar esta prática. Mas, novamente, minha voz se ouviu exclusivamente no trabalho e nos resultados.

Hoje, no entanto, venho falar, sim, para me despedir. Não tenho palavras para agradecer todos os que compartilharam as várias etapas do meu caminho. Em particular, a Associação Paulista de Homeopatia, que me acolheu e me apoiou em todas as minhas iniciativas.

Infelizmente, o momento em que me despeço é muito preocupante. Um movimento de chamados “céticos”, bem sucedidos em diversos países do mundo, desembarcou em finais do ano passado no Brasil. Inicialmente sob a bandeira de “Não com o dinheiro do contribuinte!” vem procurando excluir a homeopatia do SUS. Ao constatar que não se pode excluir sem mais uma especialidade médica, recentemente testemunhamos uma situação surpreendente, nas quais vários meios, simultaneamente, começaram a

questionar o reconhecimento da homeopatia como especialidade médica em 1980, com o argumento de que “nessa época os padrões eram outros”.

E assim, como 2 anos atrás preparamos, com o apreciado colega, Prof. Dr. Marcus Zulian Teixeira, o dossiê sobre evidências da homeopatia, pensei em dedicar este fascículo a um tema que se me afigurou original, interessante e relevante: como eram as coisas na década de 1980, isto é, quando a homeopatia foi institucionalizada, tal como refletidas na nossa *Revista*?

Para a minha surpresa e encanto, me deparei com uma massa crítica de homeopatas – médicos, médicos veterinários, odontólogos e farmacêuticos – efervescentes com as possibilidades que então se abriam, em termos de pesquisa, de prática, de educação, de institucionalização, de inserção nos vários níveis de atenção à saúde. Ofereço aqui uma amostra, no dossiê “Institucionalização e Pesquisa – A Década de 1980”, onde é reproduzida uma seleta de artigos publicados nos anos 80, evidenciando que, bem longe das pretensões dos “céticos”, a comunidade homeopática estava engajada a todo vapor com a ciência, a tecnologia e a inovação.

Aliás, “céticos”, não, mas **pseudocéticos**, como observa José E. Eizayaga, Diretor do Departamento de Homeopatia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidad Maimónides, de Buenos Aires, e nosso colaborador como membro do Corpo de Consultores. Num artigo de rara clareza e com argumentos contundentes, Eizayaga denuncia o falso programa e o analfabetismo científico dos pseudocéticos, que chegam a compor, segundo suas palavras, uma verdadeira “seita de fanáticos”. Que também podem ser chamados de **homeofóbicos**, como fez Rustum Roy, professor de física do estado sólido e pesquisador em ciência dos materiais, da prestigiosa Arizona State University, dos Estados Unidos, numa matéria no periódico britânico *The Guardian* “A homeofobia não deve ser tolerada” (19/07/2007).

O dossiê propriamente inclui um trabalho em que João B.T. da Silva e colaboradores nos contam como em 1981 – 1 ano após o reconhecimento oficial da homeopatia – foi instalado um serviço de ambulatório experimental homeopático no Centro de Saúde Experimental de Barra Funda, ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Por “experimental” não deve se entender “empírico”: os autores basearam solidamente a proposta na clássica concepção de história natural da doença/níveis de prevenção de Leavell e Clark e imediatamente desenharam um sistema de coleta de dados para garantir análises criteriosas e acuradas.

Flávio Dantas reflete a preocupação com a formação de recursos humanos de elevada qualificação em homeopatia, partilhando sua experiência pessoal na Universidade Federal de Uberlândia, como matéria optativa no curso de graduação em medicina, desde 1982. Conclui o trabalho com uma série de apontamentos pensados para servirem como diretrizes para a estruturação do ensino da homeopatia no Brasil, com seus vínculos necessário com a pesquisa, tanto básica quanto clínica.

Pesquisa é, precisamente, o tema do artigo de Gilberto L. Pozetti, farmacêutico e doutor em química. Nesse sentido, salienta a necessidade de institucionalizar e profissionalizar a pesquisa em homeopatia, além de apontar algumas áreas particularmente relevantes, como: testes patogênicos de novos medicamentos, especialmente a partir da flora brasileira, bioterápicos e métodos de análise e de controle de medicamentos, entre outros. Na mesma direção, Amarilys de Toledo César e colegas já chamavam a atenção, em 1987, para a necessidade de normatizar os procedimentos laboratoriais de

manipulação de medicamentos homeopáticos, especialmente num contexto caracterizado por um número crescente de profissionais farmacêuticos interessados na homeopatia.

Quanto à pesquisa clínica, o dossiê traz um trabalho de 1985, onde Gustavo Bearzi e colegas relatam uma série prospectiva de casos de crianças asmáticas tratadas com homeopatia, avaliando fatores desencadeantes e intensidade e frequência das crises antes e após o tratamento. Igualmente, selecionei 2 trabalhos publicados em 1988 por Luiz A. de B. Camargo e Carlos R.B. Ventriglia, porque sugerem uma abordagem que não temos visto, infelizmente, ser continuada nem Brasil nem no exterior. Os autores analisaram uma série de casos de pacientes com hipertensão, tratados com placebo e homeopatia num desenho *crossover*, e apresentaram 2 séries separadas de resultados: uma “*for export*”, demonstrando a efetividade do medicamento versus placebo – importante para a comunidade médico-científica, mas irrelevante para a clínica homeopática cotidiana. Isso é o que aborda, precisamente, o segundo artigo, que apresenta resultados referentes à evolução dos sintomas-guia, ocorrência de agravação homeopática, sintomas novos (“patogenéticos”), etc. e outros elementos importantes para o clínico homeopata.

Indo mais a fundo, pedi aos protagonistas da façanha de 80 que consegui localizar e que aceitaram o convite, que nos contassem como vêm o quê ocorreu no Brasil nestes quase 40 anos. Assim, Amarilys de Toledo César retoma os pontos levantados em 1981 pelo professor Pozetti, numa atualização da pesquisa homeopática na área farmacêutica nas últimas 4 décadas. Por sua vez, Leoni V. Bonamin faz um breve, mais denso sumário do desenvolvimento da pesquisa básica em homeopatia e as contribuições brasileiras.

Finalizando, fiz um levantamento de todos os trabalhos de pós graduação *stricto sensu* produzidos no país e registrados na base de dados da CAPES cujo tema é a homeopatia/altas diluições homeopáticas. Não comento os resultados aqui, prefiro que o artigo os surpreenda!

Com isto, espero que continuemos produzindo como nestes últimos 40 anos, confiante em que as gerações mais jovens levarão adiante o bom trabalho feito até aqui.

Silvia Waisse